



Esta obra está licenciada
com uma Licença Creative
Commons Atribuição-Não
Comercial-Compartilha
Igual 4.0 Internacional.

Yves Lacoste

*Institut Français de Géopolitique
- Universidade Paris
lacoste@yahoo.com.fr*

Tradução de:

Víctor Daltoé dos Anjos
*Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC).
victordaltoa@gmail.com*

Tradução recebida em:

28/10/2022

Tradução aprovada em:

07/11/2022

Tradução publicada em:

01/12/2022

1. O presente texto é a tradução do artigo “Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?”, de Yves Lacoste, publicado na revista *Hérodote* em seu 5º número, relativo ao 1º trimestre de 1977, p. 7-33. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>. Acesso em: 13 jul. 2022 [N.T.: Nota do Tradutor].

Fidel Castro e a Sierra Maestra. Um teatro de operações escolhido intencionalmente?¹

Fidel Castro and the Sierra Maestra. Is it a deliberately chosen theater of operations?

Fidel Castro y la Sierra Maestra. ¿Un teatro de operaciones elegido deliberadamente?

Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?

RESUMO

Tradução do artigo “Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?”, de Yves Lacoste, publicado na revista *Hérodote* em seu 5º número, relativo ao 1º trimestre de 1977, p. 7-33.

PALAVRAS-CHAVE: Sierra Maestra; geografismos; geopolítica; Yves Lacoste.

ABSTRACT

Translation of the article “Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?”, by Yves Lacoste, published in *Hérodote* magazine in its 5th issue, concerning the 1st quarter of 1977, p. 7-33.

KEYWORDS: Sierra Maestra; geographisms; geopolitics; Yves Lacoste.

RESUMEN

Traducción del artículo “Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?”, de Yves Lacoste, publicado en la revista *Hérodote* en su 5º número, relativo al 1º trimestre de 1977, p. 7-33.

PALABRAS-CLAVE: Sierra Maestra; geografismos; geopolítica; Yves Lacoste.

RÉSUMÉ

Traduction de l’article “Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?”, d’Yves Lacoste, paru dans la revue *Hérodote* dans son 5e numéro, concernant le 1er trimestre 1977, p. 7-33.

MOTS-CLÉS: Sierra Maestra; géographismes; géopolitique; Yves Lacoste.

Em 1959, após a vitória dos revolucionários cubanos sobre o regime do ditador Batista, a guerrilha da Sierra Maestra, que foi o foco dessa revolução, tornou-se uma espécie de modelo de referência para muitas ações armadas na América Latina, desencadeadas por volta de 1960-1966: Argentina, Paraguai, Peru, Colômbia, Brasil, Venezuela, Guatemala, etc. Porém, enquanto os revolucionários, desembarcados do Gramma em dezembro de 1956, foram vitoriosos em Cuba em cerca de 25 meses, ultrapassando – e tão largamente! – seus objetivos iniciais, essas novas guerrilhas, ditas “castristas”, não chegaram a se desenvolver, e a maior parte foi rapidamente esmagada. Essas tentativas desafortunadas logo provocaram um certo número de reflexões e polêmicas. É necessário, sobretudo, compreender o porquê dessas derrotas.

COMPREENDER REALMENTE O QUE ACONTECEU NA SIERRA MAESTRA

Em janeiro de 1967, François Maspero publicou o livro que Régis Débray acabara de escrever depois de uma longa temporada na América Latina, particularmente em Cuba. Este livro, *A Revolução na Revolução*², como dizia seu autor, visava “ser útil” e “tornar possível um máximo de

eficácia revolucionária”. De fato, foi um esforço de teorização da experiência dos revolucionários cubanos, dedicado a levar em conta que os meios dirigentes do imperialismo não se deixariam mais surpreender como foram em Cuba. O livro de Régis Débray teve uma grande repercussão, sobretudo na América Latina.

Com ou sem razão, foi considerado como a expressão das ideias e da experiência dos mais avisados dentre os chefes da revolução cubana – em particular de Che Guevara, de quem se esperava, desde sua famosa carta de despedida a Fidel (1º de abril de 1965), a entrada em ação em “qualquer parte”. Portanto, temos o direito de considerar que esse livro não exprimia somente as ideias pessoais de Régis Débray. Sabe-se que esse último veio, então, a “explorar”, as regiões da Bolívia onde se considerava a possibilidade da implantação da guerrilha dirigida por Che. E por isso é útil examinar a obra, levando em consideração a derrota de diversos movimentos guerrilheiros que acreditaram extrair, por conveniência, as lições da “experiência cubana”.

Débray, graças às opiniões mais experimentadas, se esforça em dissipar alguns mal-entendidos, cujas consequências foram funestas mais tarde. Ele cita Che:

2. O título original do livro inclui um ponto de interrogação: *La révolution dans la révolution?*, de Régis Débray, lançado pela editora de François Maspero, em 1967, com o subtítulo de *lutte armée et lutte politique en Amérique Latine*, como o número 98 da coleção *Cahiers Libres*. Ao longo do artigo aqui traduzido, Yves Lacoste não insere o ponto de interrogação original ao título da obra de Débray [N.T: Nota do Tradutor].



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

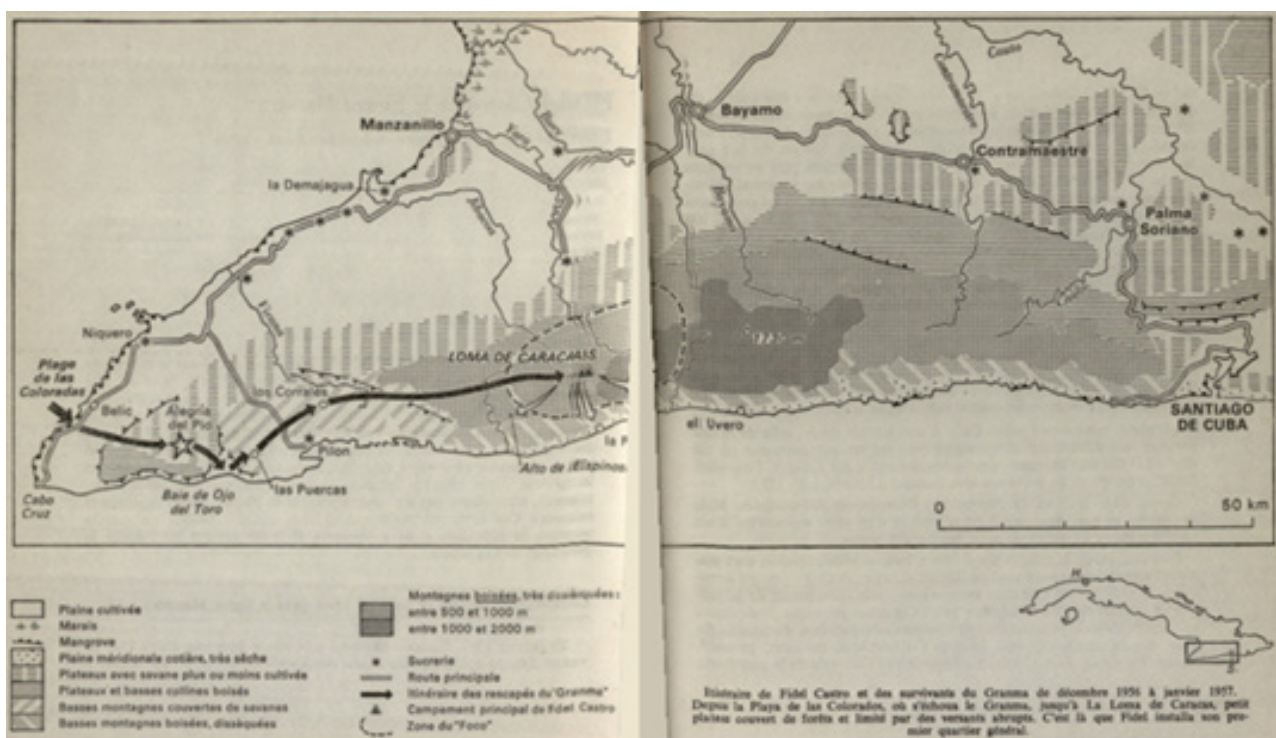
Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

Em primeiro lugar, nós reduzimos Cuba a uma lenda dourada, aquela de doze homens que desembarcam e se multiplicam – não se sabe como – como um relâmpago. [...] Esse *tour* de ilusionismo simplesmente deixou escapar o essencial: a realidade complexa do processo insurrecional cubano (p. 117).

Certamente, numerosas ilusões foram dissipadas nesse li-

posterior esmagamento da guerrilha e a morte desse último em outubro de 1967. Essa derrota provoca, evidentemente, uma torrente de críticas, sobretudo em função das posições doutrinárias daqueles que recusavam a “via castrista” (trotskistas, maoístas, pró-soviéticos). A “via

Figura 1 - Itinerário de Fidel Castro e dos sobreviventes do Granma de dezembro de 1956 a janeiro de 1957, desde a Playa de los Colorados, onde encalhou o Granma, até La Loma de Caracas, pequeno platô coberto por florestas e limitado por encostas íngremes, onde Fidel instalou seu primeiro quartel-general³



Fonte: Fidel Castro et la Sierra Maestra. Un théâtre d’opérations volontairement choisi?, de Yves Lacoste, publicado na revista Hérodote em seu 5º número, relativo ao 1º trimestre de 1977, p. 8-9. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5622667v/f8.image>

3. Uma forma ligeiramente reduzida do mapa está incluída no terceiro tomo de *Unidade e diversidade do terceiro mundo* (1980c, p. 46-47), adaptação da tese de Yves Lacoste – defendida no ano anterior – cujo todo inclui relatos sobre seus estudos de caso no Vietnã, no antigo Alto Volta, na Argélia e em Cuba (ANJOS, 2022) (N.T.).

vro, mas não todas, e, por isso, é necessário retornar a algumas de questões que não foram postas.

Evidentemente, depois da publicação do livro, muitas coisas se passaram: a prisão, de Régis Débray, na Bolívia, em abril de 1967 – o que indicou a presença de Che na região –; o

revolucionária”, inspirada pelo exemplo da guerrilha da Sierra Maestra, pareceu irremediavelmente obstruída. A “via chilena”, aberta por um movimento de massas que se exprimia em eleições regulares, logo pareceu a única possível e “razoável”, e a única compatível com “uma

análise marxista séria”.

Como se sabe, a “experiência chilena” foi esmagada pelo general Pinochet em setembro de 1973. E não é sem razão que Régis Débray inicia sua análise dessa nova tragédia por um longo parágrafo intitulado como: “O retorno de Che: o fuzil na mão e a estrela no fronte, o espectro de Che novamente em marcha”⁴. A frase é bela e seu valor não é apenas de estilo. Hoje, importa refletir sobre todas as causas da derrota de Che, sobretudo aquelas que continuaram nas sombras, para evitar que provoquem outras. De fato, na América, na Ásia, na África, as guerrilhas ainda existem e haverá outras.

Desde a morte de Che e o golpe de Estado no Chile, muito foi dito quanto às ideias principais reunidas em *A Revolução na Revolução*. Régis Débray não só resumiu as diversas críticas em uma espécie de quadro sintético, como fez sua autocrítica⁵. Em todos esses comentários, há um termo que retorna constantemente: *estratégia*. E o termo, na moda, aliás, é tomado em acepções bastante diferentes. Porém, em todos esses discursos, se esquece que a elaboração de uma estratégia implica uma outra parte essencial, sobretudo quando se trata de estratégia militar no sentido

preciso do termo, e mais ainda das guerrilhas. Ou seja, o sentido de uma reflexão metódica quanto à escolha do terreno onde se decide abrigar-se, movimentar-se e iniciar uma batalha: reflexão que corresponde fundamentalmente a uma abordagem geográfica.

DISCURSO SOBRE AS VANTAGENS TÁTICAS, MAS SILÊNCIO QUANTO ÀS RAZÕES DAS ESCOLHAS ESTRATÉGICAS

Nos relatos mais autorizados feitos sobre as origens da guerrilha da Sierra Maestra, a questão da escolha dessa parte do território cubano é completamente escamoteada e essa “lacuna” nas narrativas ou na abordagem historiográfica teve consequências muito graves. Isto por que esse problema, essencial para a elaboração de uma estratégia, foi omitido na análise do modelo de guerrilha, e foi completamente esquecido na preparação das outras guerrilhas (a de Che, em particular) que se inspiraram na da Sierra Maestra. Ainda que a guerrilha dirigida por Fidel Castro seja classicamente designada pelo nome dessa montanha, fica implícito que a escolha dessa localização procedeu por razões tão evidentes que é inútil precisá-las.

A Montanha, com um “M”

4. Régis Débray. *La Critique des armes*, t. I. Éditions du Seuil, 1974 (N.A.: Nota do Autor)

5. *Ibidem* (N.A.).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

maiusculo – não importando qual montanha –, é considerada *a priori* como o berço das guerrilhas por excelência. Por quais razões? Ao analisar os numerosos textos e testemunhos, se vê que seria, sobretudo, em razão da presença da floresta, que permite aos guerrilheiros se esconder, montar emboscadas, escapar às perseguições, isto é, por razões essencialmente *táticas*. Ora, essas últimas não devem ser confundidas com razões *estratégicas*, e não se trata somente de uma diferença de palavras, mesmo que certos discursos na moda tendam a transformar excessivamente os dois termos em sinônimos. De fato, há entre elas uma diferença de escala. No quadro de uma reflexão de tipo militar, os problemas táticos são aqueles que podem ser postos e resolvidos em grande escala, ou melhor, que levam em consideração, de maneira precisa, os espaços relativamente restritos (ou os tempos curtos). Enquanto isso, os problemas de estratégia, para serem convenientemente colocados, necessitam da consideração do espaço (e do tempo) numa escala menor, isto é, sobre extensões muito mais consideráveis (confira o artigo sobre Clausewitz no número 3 da *Hérodote*)⁶.

Em primeiro lugar, todas as montanhas, e todas as partes

de um mesmo conjunto montanhoso, não são cobertas por florestas (e há florestas nas planícies). Entre as montanhas onde se pode operar, não é preciso escolher somente em função da presença ou da ausência de cobertura florestal. Também é necessário levar em conta que os guerrilheiros não têm apenas a necessidade de se esconder: eles demandam ser abastecidos, estar em contato com as cidades e mesmo com o exterior. Face a essas necessidades, muitas vezes contraditórias, nem todas as montanhas apresentam vantagens comparáveis e podem ser avaliadas apenas levando em consideração vastos territórios, realizando um raciocínio de tipo estratégico.

Ao retornar a uma das questões táticas – a necessidade de se manter oculto –, percebe-se que um meio florestal e montanhoso apresenta vantagens apenas na medida em que os guerrilheiros o conhecem bem. Portanto, é necessário distinguir dois tipos de guerrilhas. De um lado, as que podem ser chamadas de “espontâneas”: aquelas em que os guerrilheiros são habitantes da região – ou seja, conhecem bem a montanha e a floresta – e, em compensação, o exército se encontra prejudicado por um mau conhecimento do terreno. De outro, as

6. O artigo “A propos de Clausewitz et d’une géographie” se encontra no número 3 da revista *Hérodote*, relativo ao 3º trimestre de 1976. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5621210c?rk=42918;4>. Acesso em: 12 mai. 2022 [N.T.].

guerrilhas inauguradas por homens que não são da região, e que conhecem de início menos o terreno que os soldados que os perseguem. Esse é o caso da guerrilha da Sierra Maestra e de muitas outras, inclusive de Che na Bolívia. Uma das condições essenciais para a sua sobrevivência é, deste modo, que os guerrilheiros vindos do exterior sejam informados, guiados e apoiados pela população autóctone. Logo, é necessário que essa exista, e que tenha razões precisas para fornecer esse apoio, que geralmente lhe custa caro a partir do momento em que começa a repressão.

Na maior parte dos movimentos guerrilheiros surgidos na América Latina, o apoio foi muito fraco, e, às vezes, a população foi hostil, como no caso de Che, na Bolívia. A esse respeito, a guerrilha da Sierra Maestra parece mais ainda uma exceção. Contudo, Fidel e seus companheiros⁷, desembarcados do Gramna, ignoravam quase totalmente a montanha onde eles teriam que lutar. Como eles fizeram isso? De início, eles nem sequer tinham mapas da Sierra, e, se os tivessem, seriam imprecisos demais para lhes serem úteis nos seus deslocamentos. É a partir dessa questão e dessas constatações que fiquei intrigado pelas origens dessa

guerrilha: elas levantam problemas para a prática geográfica e a escolha estratégica que são pouco claros justamente porque não são colocados. Em 1973, em uma missão à Cuba, pude conduzir uma pesquisa sobre essas questões, não somente na Sierra Maestra, mas também nas cidades vizinhas (Bayamo e Manzanillo), graças à ajuda de meu amigo Juan Perez de la Riva, recentemente falecido⁸. Hoje, posso realizar o relato dessa pesquisa.

EM PRIMEIRO LUGAR, POR QUE NO ORIENTE?

A questão geográfica, a primeira vista inócua e até um pouco ingênua, que pode ser levantada é: como e por que Fidel Castro escolheu a Sierra Maestra como teatro de operações? Por que aquela montanha e não outra? Por que não a da região de Mayarí, sua terra natal, que ele conhecia bem (também no Oriente, mas no seu litoral norte). Antes de tudo, esse problema pode ser enunciado de forma menos precisa e em escala bem menor ao questionar o porquê que Fidel escolheu agir novamente na província do Oriente em 1956, assim como no famoso ataque ao quartel de Moncada, em Santiago, em 26 de julho de 1953. Esse ataque, e a abominável mortandade

7. O geógrafo Nunez Jiménez tinha feito excursões na Sierra, mas ele não fazia parte do grupo do Gramna, apenas se juntaria à guerrilha tardiamente (Confira *Geografía de Cuba*, Editora Pedagógica Letterari.) [N.A].
8. Juan Pérez de la Riva (1913-1976) acompanhou Yves Lacoste como guia e tradutor nas duas vezes em que o geógrafo francês esteve em Cuba, em 1967 e 1973. As impressões do geógrafo cubano foram essenciais para formatar a visão de Yves Lacoste sobre o "geografismo" da Sierra Maestra como "montanha revolucionária" (N.T.).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

que se seguiu, evidentemente atingiu muito a população do Oriente e a de Santiago em particular. Três anos mais tarde, Fidel contou ali com muitos *partisans*, em particular o grupo dirigido por Frank País, que deveria cumprir um papel capital quando da chegada do Granma ao desencadear uma insurreição na capital do Oriente.

Por outro lado, a escolha dessa província se explica pelo afastamento em relação a Havana, onde o ditador Batista, exposto a numerosos atentados, complôs e sabotagens de diversas origens, havia concentrado a maior parte da sua polícia e do seu exército para tentar controlar aquela aglomeração de mais de dois milhões de habitantes. Os quase 800 quilômetros que separam Havana do Oriente levam muito tempo a percorrer pela estrada, e mais ainda por trem. Logo, os *partisans* de Fidel, tanto os de Santiago como os desembarcados do Granma, poderiam dispor de algum tempo antes da chegada de forças mais numerosas de Batista. Considerando os equipamentos da época, o seu transporte podia ocorrer apenas em efetivos relativamente pouco numerosos. Por sua vez, o apoio que Batista poderia encontrar na população era muito mais fraco em Santiago que em Havana, onde muita

gente tirava proveito do tráfico e da especulação.

Por fim, a escolha de Fidel em operar na outra ponta da ilha e longe de Havana se explica também por sua preocupação em desvincular o “Movimento 26 de Julho”, que ele dirigia, das ações terroristas e das orientações políticas do “Diretório Revolucionário”, cujos *partisans* eram, sobretudo, estudantes da Universidade de Havana. Havia, certamente, relações entre os dois movimentos na sua luta contra Batista, mas Fidel não aprovava as posições do Diretório. A distância entre os dois teatros de operação, Havana e o Oriente, deveria demarcar as diferenças entre ambos e evitar a confusão das estratégias e dos comandos.

A TRIPULAÇÃO DO GRANMA TINHA REALMENTE O PLANO DE COMBATER EM UM TERRITÓRIO DIFÍCIL QUE NÃO CONHECIA?

Se as razões da escolha do Oriente como principal teatro de operações são claras, se o raciocínio de Fidel nessa escala relativamente pequena – pois o Oriente é vasto – pode ser reconstituído fácil o suficiente, não se pode dizer o mesmo sobre a escolha precisa da Sierra Maestra. Por que lá e não em outro lugar? Por que naquela

montanha que Fidel não conhecia? Por que ele não escolheu as montanhas que havia frequentado, seja pelos passeios da juventude, seja pelas excursões do “Grupo Humboldt”, um grupo de geografia ao qual tinha pertencido como alguns de seus amigos? Em nenhum texto, seja de Fidel ou seus primeiros companheiros, as razões da escolha da Sierra Maestra aparecem claramente. Certamente eles explicam como, uma vez na Sierra, tiveram que se adaptar ao terreno, porém não dizem por que foram para lá.

No entanto, todos os comentários sobre a estratégia de Fidel, sobre os planos que teria elaborado no México antes de embarcar no Granma com seus 82 companheiros, consideram como uma evidência que ele escolheu a montanha como teatro de operações. Régis Debray, em *A Revolução na Revolução*, quando analisa o modelo da guerrilha, dá grande importância à escolha estratégica da montanha, opondo-a ao terrorismo urbano praticado então pelo Diretório Revolucionário. Por que o exército rebelde se tornou invencível apesar da desproporção de forças? Pergunta-se Régis Debray: “É porque, desde o primeiro dia, Fidel impõe uma estratégia clara: mesmo com a clarividência de que as forças

do 26 de Julho eram muito mais numerosas e melhor organizadas nas cidades (Santiago, Havana) do que na Sierra, é ela que deveria liquidar o regime definitivamente” (p. 166).

Porém foi mesmo “desde o primeiro dia” que Fidel considerou a possibilidade de empregar a estratégia da guerrilha *montagnarde*⁹? Não são os comentaristas, Debray em particular, que lhe atribuem essa intenção? Fidel não tem nada escrito que justifique essa interpretação, e sua famosa palavra de ordem, “Tudo pela Sierra, todas as armas pela Sierra”, não data dos primeiros dias da guerrilha, como diz Debray, mas do mês de agosto de 1957, isto é, mais de sete meses após o desembarque do Granma.

UMA OPERAÇÃO MINUCIOSAMENTE PREPARADA, MAS NÃO PARA A SIERRA

O desembarque, cuidadosamente arquitetado, deveria fazer parte de uma série de operações combinadas, hoje suficientemente bem conhecidas. Ora, desde que é colocada a questão das razões da escolha da Sierra Maestra, é impressionante constatar que os planos de Fidel, aliás, muito precisos, mal tinham previsto preparativos nessa montanha. No entanto, ele a conhecia tão pouco quanto

9. Na tradução, optou-se pela manutenção do original em francês (*montagnarde*), pois o termo “montanhosa” poderia não qualificar adequadamente o impacto do escrito do autor (N. T.).



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

seus companheiros e, portanto, correu o risco de se perder ou, ao menos, de ter grandes dificuldades para se deslocar e se reabastecer. E esse foi realmente o caso, pelo menos inicialmente. Em retrospecto, pode-se dizer, sem exagero, que é um milagre que tenham se saído bem. Entretanto, como acreditar que Fidel, cujos preparativos eram tão precisos sobre todos os outros pontos – e que tinha apoio numeroso nas cidades da região –, pode ignorar tal deficiência e negligenciou disposições (contatos, estoques de abastecimento, etc.) que outras guerrilhas, tomaram logo de início, mesmo as menos preparadas. A de Che, na Bolívia, foi objeto de preparativos importantes, inclusive nos lugares onde ela deveria se implantar.

É possível dizer que a privação que Fidel e seus companheiros conheceram antes de mais nada na Sierra Maestra se explica pelo quase naufrágio do Granma e, sobretudo, pelo desastre de Alegria de Pío, alguns dias depois, no qual restaram apenas doze sobreviventes? Evidentemente não pela questão que nos ocupa, pois eles, uma vez na Sierra Maestra, deveriam ter encontrado os depósitos de alimentos e de munições se tivessem sido preparados.

Porém, ao que parece, nada desse gênero foi previsto, assim como qualquer contato com a população e pontos de reencontro. E isso deve ser sublinhado dado que, dentre aqueles que esperavam o desembarque de Fidel no litoral, havia homens que conheciam bem a Sierra, particularmente Crescencio Pérez, que desempenhou, mas somente algumas semanas mais tarde, um papel fundamental na sobrevivência e desenvolvimento da guerrilha. No momento do desembarque do Granma, parece que nenhum preparativo foi feito na Sierra.

Esse fato leva a questionar se Fidel, ao partir, tinha mesmo a intenção de combater na Sierra. Para responder a essa questão, é necessário examinar o que se sabe sobre as disposições tomadas antes da chegada do Granma. Que Fidel tenha se preparado para conduzir operações militares, é evidente: não somente seus 82 companheiros dispunham, na pequena embarcação, de um armamento relativamente importante, mas, sobretudo, haviam sido treinados no México por um militar, o coronel Bayo, oficial cubano saído da Academia Militar de Saragoça que havia desempenhado um papel importante na guerra da Espanha¹⁰, ao lado dos republicanos.

10. *Referência à Guerra Civil Espanhola (1936-1939) (N. T.).*

O desembarque do Granma, como é bem conhecido, foi combinado de modo a coincidir – em 1º de dezembro – com a eclosão de uma insurreição em Santiago por Frank País. O ataque a diferentes pontos estratégicos da cidade – inclusive ao quartel Moncada – deveria ser apenas uma operação diversionista, destinada a provocar a concentração das forças policiais sobre essa grande cidade do Oriente, permitindo, assim, a Fidel desembarcar, sem dificuldades excessivas, 200 quilômetros mais a oeste e de ter tempo de se implantar na Sierra (o retorno de Fidel era previsto, já que ele mesmo anunciou publicamente antes do final de 1956). Entretanto, certamente não foi esse o caso. Por um lado, a ação de Frank País e dos seus *partisans* em Santiago, nos dois primeiros dias de dezembro, foi muito mais que uma operação diversionista. Durante um dia, eles foram quase os comandantes da cidade e foram vencidos apenas pelas tropas de choque (300 homens) vindas de avião de Havana, enquanto Fidel ainda não havia desembarcado em razão de um atraso imprevisto.

OS CAMINHÕES QUE ESPERAVAM O GRANMA

Geralmente, ignora-se que outros preparativos haviam sido

feitos, e até bem significativos. Os militantes do Movimento 26 de Julho, que esperavam o desembarque de Fidel na região do Cabo Cruz, bem a oeste da Sierra Maestra, haviam reunido um certo número de caminhões de modo a poder transportar rapidamente os homens desembarcados, que se reuniriam com um certo número de partisans da região. “A questão dos caminhões” me foi relatada *in loco* por diferentes pessoas e se faz claramente alusão a ele em cartas e mensagens então trocadas pelos membros do 26 de Julho, documentos reunidos por Carlos Franqui¹¹ e recém-publicados: em novembro de 1957, é feita alusão a “todos os *antigos*, tanto aqueles do Granma como os dos caminhões”.

Esses caminhões esperavam a chegada do Granma entre Niquero e Pilón. O ponto exato do desembarque não havia, ao que parece, sido fixado por incerteza técnica e também por temor de novas “fugas”: agentes de Batista haviam sido descobertos dentre os guerrilheiros durante o treinamento no México. Onde deveriam chegar esses caminhões aproximadamente? Certamente não por volta da parte alta e florestal da Sierra Maestra, pois não havia ainda estrada a partir de Pilón. Se Fidel desajava se implantar na montanha,

11. Carlos FRANQUI, *Journal de la révolution cubaine*, Editions du Seuil, Paris, 1976. Cf., p. 145 et 149, les *déclarations de Faustino Perez*, et p. 266 (N.A.).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

ao abrigo da cobertura florestal – isto é, de acordo com o esquema que se atribuir a ele habitualmente –, ele não teria necessidade desses caminhões. Ele poderia desembarcar no litoral sul, perto de Pilón, por exemplo, e chegar diretamente à Sierra por atalhos, e poderiam, assim, se abrigar muito mais rapidamente.

O fato de que, segundo os planos, a chegada do Granma deveria ser seguida de um transporte por caminhões levou Fidel a escolher um lugar de desembarque em um setor do litoral relativamente próximo de uma estrada, ou seja, na parte mais ocidental da Sierra Maestra, entre Niquero e Pilón. Nesta região, a montanha não é mais que uma série de baixas colinas e a floresta já desapareceu completamente, substituída por grandes extensões de canaviais – Niquero e Pilón são grandes “centrais” açucareiras. Portanto, Fidel desembarcou relativamente longe (cinquenta quilômetros) da parte alta e florestal e da Sierra, enquanto poderia desembarcar ao pé da montanha, ao largo de qualquer estrada.

O fato de ter escolhido desembarcar na costa de uma região desmatada e atravessada por estradas teria, em seguida, graves consequências. A ausência de floresta sobre vastas ex-

tensões impede os guerrilheiros de se subtrair à aviação, e a estrada permite a chegada rápida de soldados. A região era, então, particularmente perigosa para o início de uma guerrilha, e Fidel não poderia ignorar esses riscos. Sem dúvida, ele os levou em conta, pois a implementação de seu verdadeiro plano necessitava dos caminhões e não poderia ser executado em outra região privada de estradas, mesmo que mais segura. Onde, esses caminhões deveriam chegar aproximadamente, permitindo que deixassem rapidamente a zona do desembarque? Certamente não próximo da Sierra, na falta de estradas (Veja o mapa anterior, p. 8-9).

QUAIS ERAM OS PLANOS INICIAIS DE FIDEL?

É bastante verossímil que a estratégia de Fidel, reunido aos homens do Granma e os que lhes esperavam, era de atacar primeiramente Pilón; em seguida o pequeno quartel de Niquero e tomar as armas lá encontradas; e depois continuar rapidamente até Manzanillo para aí enfrentar as forças da polícia e do exército com que se deparassem. Posteriormente à tomada de Manzanillo, ele contava com o controle de Bayamo. Portanto, tratava-se de uma estratégia muito diferente

daquela da implantação de uma guerrilha em uma montanha.

No livro de Carlos Franqui (p. 145), encontra-se o testemunho de Faustino Pérez, bem depois do desembarque do Granma: “Nossos planos haviam fracassado. Eu vi como Fidel estava contrariado. Nós havíamos previsto atacar Niquero em 30 de novembro, pela manhã. Crescencio Pérez, com uma centena de camaradas e de caminhões, nos esperava nesse setor. Após nos apoderarmos de Niquero, nós deveríamos subir com os caminhões para chegar a Manzanillo, e depois à Sierra, enquanto estourava a revolta em Santiago, que seria desencadeada através de um plano de agitação, sabotagens e greves”.

Sem dúvida, estava previsto conquistar a Sierra, mas apenas após o desenrolar de muitas fases da estratégia inicialmente calculada. E é provável que, nos planos iniciais, a etapa da “Sierra” deveria ser bem diferente de uma guerrilha de longa duração, já que nenhum preparativo parece ter sido feito perto de Pilón prevendo tal operação. Pode ser que disposições tenham sido feitas em algum outro setor que não a Sierra Maestra ocidental, que poderia ser acessado por caminhões, mas não há menção em nenhum lugar. Sem dúvida se tratava de esperar por um

tempo relativamente curto na Sierra Maestra – possivelmente após a reunião com os combatentes de Santiago – enquanto o regime de Batista desmoronava, depois de acontecimentos tão espetaculares.

É de se notar que a escolha de conduzir essas operações revolucionárias nessa região de Manzanillo-Bayamo possuía um grande significado histórico e simbólico para os inúmeros cubanos: sabe-se bem que essa pequena parte do território é verdadeiramente o berço das duas revoluções de independência. Em primeiro lugar, a de Céspedes, em 1868, que partiu de Demajagua, perto de Manzanillo, e aquela de José Martí e de Máximo Gomez, em 1895, cujo primeiro foco foi um pouco mais a leste. (Não há espaço suficiente para mostrar que essa coincidência dos focos de início dos movimentos revolucionários não é fruto do acaso).

RETOMAR EM MAIOR ESCALA A ESTRATÉGIA DO QUARTEL MONCADA?

Então, pode-se pensar que a estratégia inicial de Fidel, antes do desembarque do Granma, não era de se engajar em uma longa luta de guerrilha, e sim de atingir Santiago, Manzanillo e Bayamo com golpes



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

espetaculares destinados a mobilizar opiniões, em manobras que deveriam ser seguidas por um apelo à greve geral imediatamente. Pensava-se que isto deveria obrigar Batista a renunciar, dado que, para muitos cubanos, o seu retorno ilegal ao poder, em 1952, teve por argumento o restabelecimento da ordem que havia se tornado muito agitada. No fundo, a estratégia que Fidel havia verdadeiramente elaborado em 1956 não era muito diferente daquela que ele quis empregar em 1953 com o ataque ao quartel Moncada, ação espetacular que deveria ser seguida por um apelo à greve geral, destinada a fazer Batista partir.

Pode-se considerar, ulteriormente, que tais projetos eram “utópicos”, o que faz com que não sejam mais tão mencionados. Porém, nas condições da época, não eram inverossímeis ou “ingênuos”. É necessário ter em conta que, em Havana, complôs de origens diversas se sucediam aos atentados espetaculares e às sabotagens. Houve mesmo uma tentativa de *putsch* militar, o dos “tanquistas”. Batista parecia encurralado. E Fidel, no México, não havia publicamente proposto a ele – em 19 de novembro de 1956 – renunciar à expedição do Granma se o ditador abandonasse o poder?

A guerrilha prolongada que ocorreu mais tarde, provocando um formidável desenvolvimento de contradições, ocasionou uma considerável transformação das condições políticas, mas é necessário levar em consideração o quanto a situação anterior à guerrilha era bastante diferente para compreender em qual estado de espírito Fidel havia pensado sua estratégia inicial. Sem dúvida, ele havia considerado a possibilidade de uma operação muito mais curta, muito mais centrada nas cidades e cujas consequências políticas seriam muito menos importantes que aquelas ocasionadas por dois anos de combates: o objetivo inicial era, essencialmente, o restabelecimento da legalidade pela partida de Batista. Em junho de 1957, depois de seis meses de guerrilha, Fidel escreveu: “Hoje, me parece claramente que, se me dessem a escolha entre triunfar nas jornadas de 30 de novembro ou no nosso desembarque e triunfar um ano mais tarde, eu preferiria, sem hesitação, a vitória que se prepara nesse momento através desse formidável despertar da nação cubana”¹².

A FUGA PARA A SIERRA APÓS A DERROTA TOTAL DOS PLANOS INICIAIS

Se, nas obras consagradas a esse período da revolução, não

12. *Journal de la révolution cubaine*, p. 214 (N. A.).

se faz muita alusão à estratégia que era, sem dúvida, a de Fidel antes do desembarque do Granma, é porque ela não foi absolutamente implementada. De fato, sabe-se que, ao partir de Tuxpan, no México, em 25 de novembro, para poder chegar no dia 30 – momento no qual convinha desencadear uma insurreição em Santiago –, o Granma foi pego numa tempestade e depois atrasado pela queda de um homem ao mar e o necessário resgate. Chegou apenas em 2 de dezembro ao largo da costa cubana e, sem dúvida, já havia sido localizado pela aviação. O desembarque, ao invés de se fazer rapidamente (o que poderia ser o caso se o navio tivesse abordado à direita de uma ponta rochosa rodeada por profundidades suficientes), foi muito longo e difícil, pois a embarcação encalhou a uma certa distância de um grande mangue (pântano costeiro onde cresce um emaranhado de árvores de raízes aéreas). “Ainda mais que não conhecíamos o terreno e não tínhamos guia”, escreveu Fidel Castro.

Em efeito, esses militantes de 26 do Julho, que planejavam sua chegada por volta de 30 de novembro, conseguiram desembarcar apenas na manhã de 3 de dezembro, mas os soldados já haviam sido informados. Che-

gando através de um grande número de caminhões, eles impediram os *partisans* que aguardavam para juntar-se a Fidel e os outros homens desembarcados do Granma. Esses últimos, sem guia, dirigiram-se ao leste, em uma zona descoberta, onde eles foram atacados pela aviação e cercados pelo exército. Foi o desastre de Alegría de Pío, que provocou a dispersão do grupo: setenta homens foram feitos prisioneiros ou mortos em diferentes lugares nos dias que se seguiram. Os doze que escaparam, depois de vagarem isolados por longo tempo, puderam se reagrupar apenas em 13 de dezembro na casa de Mongo Pérez, em Los Corales, perto de Pilon. Ele era próximo do 26 de Julho¹³.

É a partir daí que os sobreviventes do Granma puderam chegar às montanhas, não em virtude de uma estratégia decidida com antecedência, mas porque não tinham a possibilidade de agir de outro modo. Eles atravessaram um período difícil, isolados de tudo e sem abastecimento. Certo, Crescencio (o irmão de Mongo), quando pode juntar-se a eles, lhes trouxe uma ajuda preciosa e os conduziu mais a leste ainda, na região mais alta e mais florestada da Sierra. Contudo, apesar da

13. Relativo ao “Movimento 26 de Julho” (N.T.).



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

influência que ele tinha entre a população da Sierra, a ausência de preparativos materiais e políticos nessa região – onde os guerrilheiros não haviam previsto agir – fez com que Fidel e seus companheiros encontrassem grandes dificuldades: nada de abastecimento, desconfiança dos camponeses. Recordando o período, Che declarou¹⁴, depois da vitória: “Nosso pequeno grupo estava grudado à Sierra, mas não estava integrado; nós íamos de cabana em cabana; nós comíamos apenas quando podíamos pagar, [...] nós éramos apenas tolerados”.

UM TERRITÓRIO JÁ DEFENDIDO PELOS “BANDOS” DE CRESCENCIO PÉREZ

A seguir se situa um episódio absolutamente decisivo para o desenvolvimento da guerrilha: os habitantes da Sierra se juntaram em grande número ao pequeno grupo de Fidel. Em inúmeros comentários escritos sobre a guerrilha, o fenômeno é habitualmente considerado como a consequência de operações de investigações e batidas dirigidas pelo exército nos arredores. De maneira ainda mais geral, pensa-se também que os camponeses pobres se reuniram espontaneamente àqueles que falavam de uma revolução. Infelizmente, numerosos exem-

plos mostram que não era sempre o caso. Ao contrário, uma grande quantidade de guerrilhas na América Latina se manteve isolada em montanhas quase desertas, com terríveis problemas de abastecimento, e frequentemente foram denunciadas pelos camponeses. Esse foi o caso de Che na Bolívia.

A aproximação entre Fidel e um grande número de homens da Sierra Maestra não deve ser considerada como um fenômeno político felizado, mas “normal”. É antes o resultado de uma situação local completamente particular, tanto no plano político como no ponto de vista geográfico. De um lado, Fidel foi conduzido à proximidade de altos vales fortemente povoados, mas ainda muito pouco controlados pelas autoridades. Por outro, e é um fato essencial, a maior parte dos homens da Sierra Maestra que se uniram à guerrilha de Fidel já estava enrijada, desde muito tempo, em toda uma série de ações mais ou menos armadas para impedir os grandes proprietários das planícies de colocar as mãos sobre os vales montanhosos. Isso explica o seu importante número e a rapidez com a qual se integraram na guerrilha. Certamente, Fidel os ofereceu objetivos mais vastos e colocou em prática outra forma de organização, mas a

14. *Nuestro Tempo*, 27 janvier 1959. (N. A.).

resistência armada era preexistente à sua chegada à Sierra. Se tivessem se implantado em outra parte das montanhas, mais a leste, por exemplo, a situação seria muito diferente: não existia resistência armada. Não teria se beneficiado do apoio que encontrou no oeste da Sierra Maestra, onde, há anos, os “bandos” se opunham à entrada, nas montanhas, dos capangas dos grandes proprietários ou da Guarda Rural.

O encontro entre Fidel e um desses “bandos” não foi nada fortuito: esse último tinha Crescencio Pérez como chefe e ele mantinha contato com os militantes de 26 do Julho das cidades da região, particularmente Niquero e Manzanillo. Crescencio Pérez era um verdadeiro “líder” dessa parte da Sierra, em razão de sua numerosa família e de suas múltiplas relações: seu papel foi fundamental. Ainda falta explicar o fenômeno que ele influenciou tão fortemente, a saber, a resistência de uma população camponesa relativamente numerosa e ainda pouco controlada pelas autoridades.

UMA POPULAÇÃO RECENTEMENTE REPRIMIDA, MAS AINDA NÃO CONTROLADA

A região montanhosa onde Fidel pode se refugiar e se beneficiar da ajuda de Crescencio

Pérez poderia ser definida no estágio de um processo complexo que, em termos da geografia acadêmica – preocupada em mascarar os problemas políticos – seria chamada de “processo de povoamento e valorização das montanhas cubanas”. Uma parte dessas montanhas cubanas efetivamente conheceu, desde o fim do século XIX, um processo comparável o suficiente ao que seria mais claro chamar de “processo de repulsão” de uma parte da população das planícies, que se direcionava para as montanhas. Primeiro pela ampliação da extensão de grandes propriedades sobre as planícies e, depois, sobre as montanhas.

Numerosas montanhas cubanas conheceram, portanto, diferentes etapas desse processo: aquela da resistência ao aumento de poder dos grandes proprietários durou apenas um tempo, dando lugar ao estabelecimento de sua influência ao mesmo tempo opressiva e paternalista sobre os pequenos camponeses. No começo do século XX, a maior parte das montanhas cubanas – quando elas não estavam ainda desertas – eram, então, já muito controladas por grandes proprietários. Esse foi, particularmente, o caso da parte oriental da Sierra Maestra, mais próxima de Santiago, onde haviam estabelecido, desde muito



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

tempo, numerosas plantações de café.

Em compensação, na parte ocidental da Sierra, esse processo começou apenas tardiamente e, nos anos 1930, esse setor das montanhas era ainda quase deserto e coberto de florestas. É verdade que ele é bordejado ao norte pela grande planície do Cauto, onde, durante muito tempo, grandes fazendas encontraram muito espaço para se expandir, e é também a região mais afastada de Santiago. De todo modo, em 1956, o oeste da Sierra Maestra estava povoado desde quinze anos apenas, e não estava ainda subordinado às autoridades.

Para compreender o que ocorreu nas montanhas a partir dos anos 1930-1940, é necessário observar a evolução agrícola da planície. Ela tinha sido, há muito tempo, dividida em um certo número de propriedades, mas apenas uma parte delas foi efetivamente cultivada: no começo do século XX, as plantações de cana cobriam apenas uma pequena parte da planície, onde se estendiam, sobretudo, pastagens extensivas. Além disso, a mão de obra era relativamente rara, e, por conta desse fato, os grandes proprietários aceitavam de muito bom grado que novos camponeses viessem aos seus domínios e desbravas-

sem um pequeno pedaço de terra. Esses camponeses, que não eram proprietários dessa pequena exploração, deveriam, quando dos grandes trabalhos (a *zafra*, o corte da cana-de-açúcar), trabalhar para o grande proprietário, que, aliás, os remuneraria.

EXPANSÃO DAS GRANDES EXPLORAÇÕES E RESISTÊNCIA DOS “PRECARISTAS”

A partir das décadas de 1920-1930, essa relativa penúria de mão de obra desapareceu, por conta de um crescimento demográfico fortalecido e ampliado pela imigração. O desemprego se elevou enquanto o mercado se alargou consideravelmente em razão das grandes possibilidades de venda de açúcar aos Estados Unidos e também pelo crescimento da população cubana e do inchaço das cidades. Ao lado das grandes extensões de canaviais, foram criados grandes arrozais cultivados, em boa parte, de forma mecânica. Essa possibilidade de recorrer às máquinas aumentou a produtividade do trabalho, mas reduziu notadamente os efetivos necessários de mão de obra. O desemprego cresceu, e mais ainda a extensão das grandes propriedades. Se, até aquele momento, a maior parte delas não havia sido cultivada, a nova dilatação

das culturas fez desaparecer os pousios, os pastos extensivos, assim como as pequenas explorações toleradas anteriormente.

Os camponeses que não tinham direito de propriedade foram expulsos, inclusive *manu militari*. Vários dentre eles partiram para as cidades, mas uma proporção significativa se refugiou em espaços que se encontravam entre as grandes propriedades: denominados *realengos*. Essas terras eram o que restou daquelas consideradas como “reais”, cujo essencial havia sido atribuído a grandes proprietários desde o início da colonização espanhola. Posteriormente, apesar de sua resistência, os camponeses foram repelidos da maior parte dos *realengos*, pois apenas os proprietários mais ilustres podiam apresentar títulos de propriedade – mais ou menos fabricados –, que lhes haviam sido concedidos outrora, em uma época onde a terra não era escassa.

Evidentemente, não era a primeira vez que os *precaristas* eram expulsos das terras onde estavam instalados nas planícies cubanas. Todavia, nessa parte do Oriente onde as expulsões se fizeram mais tardiamente, os camponeses se defenderam em um ambiente político diferenciado, e foram apoiados por intelectuais das ci-

dades, em particular pelos militantes da cidade de Manzanillo. Essa última, com a presença de imigrantes vindos da Europa, se tornou um pouco o berço do partido comunista cubano. Nessa região, ao pé da Sierra Maestra, no contexto da luta contra o ditador Machado, em 1934, os camponeses, os trabalhadores de uma empresa canavieira e soldados constituíram, por um tempo, o que foi chamado de “soviete de Mabay”.

AMEAÇA NAS MONTANHAS: O APETITE DOS GRANDES PROPRIETÁRIOS E A EROSÃO DOS SOLOS

O dever de deixar as planícies era imposto aos *precaristas*, apesar de sua resistência: aqueles que não se dirigiam para as cidades iam para a montanha vizinha, que se encontrava ainda deserta. Sobretudo a partir da década de 1940, os vales da Sierra Maestra começaram a ser povoados por camponeses escorraçados das planícies, que começaram a substituir a floresta por culturas de subsistência e, principalmente, por pequenas plantações de café. Os proprietários os permitiram ir em frente, até o momento em que os cafezais se tornaram produtivos: passaram a argumentar, então, que um ou outro pedaço de papel havia concedido uma



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

ou outra parte das montanhas aos seus ancestrais – que ali não haviam jamais colocado os pés –, pretendendo apropriar-se dos cafezais criados a todo custo pelos pequenos camponeses. Esses tinham a escolha de ir embora ou de conservar apenas um pequeno pedaço da colheita, e foi então que começaram a resistir e a receber com armas os soldados da Guarda Rural ou os capangas dos proprietários.

Mas o ataque dos grandes proprietários não era o único perigo. De fato, os camponeses desbravaram extensões cada vez maiores, pois o povoamento dessas montanhas antes desertas aumentou rapidamente. As pessoas expulsas da planície eram, sobretudo, adultos jovens, e, como resultado, o crescimento demográfico dessas pequenas colônias nas montanhas foi muito ágil. A destruição das florestas pelo desmatamento ocasionou rapidamente as mais graves consequências, pois a mata protegia da erosão uma grande espessura de rochas profundamente alteradas pelos efeitos de um clima tropical quente e úmido. Uma vez a floresta destruída, o ravinamento de vertentes íngremes destruiu cada vez mais os campos e, de tempos em tempos, se produziram enormes deslizamentos de terra, que arrastavam casas e plantações e

tragavam os vilarejos à jusante. Esses desmoronamentos eram particularmente graves durante os grandes ciclones, cujas chuvas diluvianas se abatiam sobre as vertentes da Sierra.

Quanto mais a população aumentava, mais urgia destruir a floresta, e mais a erosão se ampliava. Mesmo que contivessem, por algum tempo, as ambições dos grandes proprietários, esses camponeses deixavam eventualmente as montanhas onde se refugiavam: a erosão desencadeada devorava os campos à medida que eram abertos em meio à floresta. Para aqueles que não queriam ir para as cidades, onde o desemprego e a corrupção esperavam seus filhos, era necessário deixar as montanhas e tentar retornar às planícies. Para isso, as emboscadas contra os homens dos grandes proprietários não eram suficientes: era necessário que a sociedade se modificasse e que desaparecessem os grandes proprietários, também chamados de “comedores de terra”. Esses homens que conheciam bem as montanhas e que, desde alguns anos, resistiam pelas armas só poderiam estar mesmo interessados pelos projetos políticos de Fidel. Sem se referir então ao socialismo, ele falava de uma sociedade mais justa, e talvez até da reforma agrária.

UMA “SITUAÇÃO” GEOGRÁFICA LOCAL E REGIONAL QUE DETERMINA UMA COMBINAÇÃO DE TRUNFOS ESTRATÉGICOS

As condições geográficas (isto é, “físicas” e “humanas”) dessa parte da Sierra onde Fidel Castro teve de se refugiar depois do desastre de Alegría de Pío era, portanto, particularmente muito favorável ao desenvolvimento de um movimento guerrilheiro. Mais a leste, as condições eram muito menos promissoras, pois essa região da Sierra havia sido povoada mais antigamente e já estava bastante controlada pela administração e pelos grandes proprietários, não existindo resistência. Por outro lado, a parte ocidental da Sierra Maestra tinha uma população relativamente numerosa como resultado da importância das desapropriações, mas não era ainda controlada pelo poder e resistia ativamente aos grandes proprietários impiedosos.

Enfim, a guerrilha dispôs de outro trunfo muito importante: esse campesinato recentemente expulso da planície conservava laços estreitos com as cidades que lá se encontravam, principalmente Manzanillo e Bayamo. É nas pequenas cidades, ao sopé das montanhas, que procuravam um médico, que faziam compras e vendiam a colheita

do café da própria montanha. Os camponeses tinham também parte de sua família na planície e nas cidades. Portanto, os laços entre os centros urbanos e a Sierra eram particularmente importantes e essa foi uma condição muito favorável para o desenvolvimento da guerrilha. De fato, os intelectuais e os trabalhadores militantes que haviam apoiado a resistência dos *precaristas* na planície conservaram os contatos com esses camponeses quando foram desbravar os altos vales montanhosos, que se encontravam apenas a cerca de vinte quilômetros das planícies.

Numerosas passagens, reunidas por Carlos Franqui no *Journal de la révolution cubaine*, mostram as ligações entre os militantes urbanos de 26 de Julho e homens como Crescencio Pérez, que veio aguardar Fidel para participar da estratégia urbana inicialmente levada em consideração. O livro de Carlos Franqui mostra, sobretudo, a importância do papel das cidades no desenvolvimento da guerrilha. É a partir de Manzanillo e de Bayamo que partiam os pequenos grupos que conduziam novos camponeses na direção de Fidel e que forneciam armas e munições. Após os camponeses de Crescencio Pérez, cidadãos de Manzanillo



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

e de Bayamo foram os primeiros a se juntar à guerrilha. Aliás, em sua maior parte eram militantes do 26 de Julho que foram impedidos de se reunir a Fidel logo após o desembarque do Granma. É pela rede de cidades que Fidel pode ter contato com o resto do país. Os desembarques, em particular de suprimentos, ocorreram na costa sul da Sierra, bem próxima do *foco*, mas os contatos com o exterior eram, aliás, menos importantes que os contatos e os reforços que passavam pelas cidades ao pé da vertente norte.

Esse papel dos movimentos urbanos no desenvolvimento da guerrilha da Sierra é grandemente subestimado no livro de Régis Débray. Além disso, *Révolution dans la révolution* é cheia de vituperações morais em relação à “Cidade” “que pode aburguesar até os proletários”. É necessário ter em conta esses julgamentos de valor sobre a atmosfera de corrupção e depravação que reinava então em Havana, mas não em todas as cidades, e sobre as diferenças que opunham Fidel aos chefes de certos movimentos urbanos que desejavam fazer prevalecer soluções políticas após a queda de Batista.

NADA DE ANÁLISES GEOGRÁFICAS E ESTRATÉGICAS, MAS UM DISCURSO IDEOLÓGICO À BASE DE “GEOGRAFISMOS”

A palavra de ordem lançada por Fidel Castro em agosto de 1957, “Tudo pela Sierra!”, bem depois do início difícil da guerrilha, se explica pela preocupação em se opor àquelas diversas manobras políticas, em manter os ativistas do 26 de Julho o mais longe possível e reunir o maior número possível de opositores de Batista ao redor do seu movimento, que era não somente o mais radical, mas, sobretudo, o único a ter adquirido uma base camponesa.

Após o triunfo da revolução e a entrada dos guerrilheiros da Sierra Maestra em Havana, era inútil e inoportuno, sem dúvida, evocar os planos iniciais de Fidel e a que se limitavam seus objetivos antes do desembarque do Granma. A palavra de ordem “Tudo pela Sierra!” foi então considerada como a expressão de uma escolha estratégica perfeitamente deliberada, anterior ao desenrolar de toda a operação. Parece-me muito verossímil que esse não foi o caso e que Fidel não tinha decidido o avanço dos combates na Sierra, mas as circunstâncias decidiram nesse sentido. O gênio político e militar de Fidel – que não é

estreito – foi de ter em conta que, no momento em que teve de se refugiar naquela parte da Sierra, era necessário permanecer, combater, e não procurar ganhar as cidades antes que a situação política no conjunto da ilha se transformasse pela própria existência da guerrilha.

Se o ataque ao quartel Moncada, em 1953, deveria ter sido o ato espetacular destinado a agitar a opinião cubana; se a tomada de Manzanillo e Bayamo deveria ter sido o símbolo de uma nova revolução nos mesmos lugares de onde partiram Céspedes e Martí; é a guerrilha da Sierra Maestra que, pela sua duração e pelo seu sucesso local, provocou a simplificação de uma situação política geral até então muito embrulhada por múltiplas complicações. Essa simplificação pelo aparecimento de duas forças claramente distintas – Batista em Havana e Fidel na Sierra – ocasionou um levante popular. Nada de espantoso que a palavra de ordem “Tudo pela Sierra!”, depois da vitória, tenha feito da Sierra um tema extremamente poderoso nos discursos e um símbolo de enorme significado.

Porém, quando revolucionários de outros países da América Latina, inspirados no sucesso da guerrilha da Sierra Maestra, foram derrotados um a um, tor-

nou-se necessário fazer uma análise metódica de todas as condições que haviam permitido o triunfo de Fidel. O livro de Régis Debray correspondeu a essa necessidade de esclarecimento: a revolução cubana não deveria parecer uma “lenda dourada”. Graças a melhores testemunhos, ele pode fazer a análise das condições econômicas, sociais e políticas ao nível do conjunto da sociedade cubana, das táticas militares e das orientações políticas decididas por Fidel. Contudo, restaram na sombra as condições geográficas, sobretudo “humanas”, muito particulares do oeste da Sierra Maestra. Ou seja, as condições estratégicas que haviam permitido a Fidel superar sua derrota inicial. Por conta disso, mesmo que a chegada de Fidel na Sierra Maestra não tenha resultado de um raciocínio ou de uma escolha estratégica deliberada, tudo que evocou posteriormente a Sierra adquiriu um valor simbólico considerável.

Desse modo, a importância dos fatores geográficos não provocou uma análise precisa, e sim a dilatação de argumentos “geografistas” como base de um discurso muito ideológico^{15, 16}. Fazer um geografismo consiste em considerar lugares e espaços como atores políticos ou econômicos: não se designa

15. *Confira a seguir, na página 34, os trechos selecionados do texto de Régis Debray (N.A.).*

16. *Na nota anterior, Lacoste se refere ao fato de que, no quinto número da revista Hérodote, onde consta o presente artigo, também está presente uma seção com alguns trechos do livro A revolução na revolução? (1967), de Régis Debray (N.T.).*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709

com precisão os homens que habitam esses lugares e que são, evidentemente, os verdadeiros atores; eles são evocados indiretamente e de forma muito vaga, são designados apenas os lugares onde se encontram. Certo, pode-se dizer que são apenas expressões de estilo. De fato, eles têm, frequentemente, consequências bastante desagradáveis: é o meio clássico de dissimular as contradições de classe existentes entre os homens que habitam o mesmo lugar. Evidentemente, esse não foi o caso da Sierra Maestra.

Mas a evocação de uma Sierra Maestra que combate e se opõe à Planície, salvando a revolução, fez desaparecer as características particulares do oeste da Sierra Maestra, substituindo-lhe por uma Montanha ideal, um arquétipo para todas as montanhas. A rigor, em nível dos detalhes concretos, das narrativas de combate, a montanha é evocada – aparentemente – com seus cumes, ravinas e florestas: ou seja, unicamente sob o ângulo da geografia física, e essas descrições, topográficas em essencial, parecem amplamente aplicáveis a todas as montanhas. Régis Debray, mesmo tendo tido a missão de explorar os locais onde Che poderia instalar sua guerrilha na Bolívia, limita-se a essa con-

cepção totalmente metafísica e topográfica: “Impressão superficial, geográfica”, escreve¹⁷.

Mas e as condições de geografia humana tão particulares do oeste da Sierra Maestra? Por exemplo, o povoamento recente, decorrente das expulsões nas planícies, o apetite dos grandes proprietários sobre as plantações de café, a resistência dos camponeses, a erosão dos solos, as relações com as cidades. Ou seja, o conjunto de condições estratégicas do qual Fidel tirou partido. Nenhuma dessas condições foi seriamente evocada, mesmo que essas não formem uma combinação absolutamente única. Afinal, outros setores montanhosos apresentaram e, indubitavelmente, apresentam condições muito comparáveis, senão idênticas. Ainda é necessário prestar atenção a esse gênero de problemas e ser consciente de que os problemas geográficos não são nem “superficiais” nem somente topográficos: eles são fundamentalmente estratégicos. Também urge pensar que todas as montanhas não são iguais, mesmo que lá encontremos as mesmas vantagens táticas. É substancial conhecer o terreno ou, sobretudo, ter o apoio das pessoas que o conhecem e que têm razões específicas para ali lutar.

Se Révolution dans la révo-

17. *Op. cit.*, p. 73 (N.A.).

lution foi um esforço útil para esclarecer certos problemas históricos e políticos, as questões geográficas permaneceram infelizmente na sombra ou no nível da ilusão das fórmulas eloquentes. É nesse estado de espírito que foi preparada a guerrilha de Che e várias outras que fracassaram. Um raciocínio estratégico melhor, pois geográfico, os teria permitido ao menos resistir por mais tempo e, talvez, quem sabe, alcançar a vitória?

Yves Lacoste

P.S.: No momento desta publicação, recebemos o número especial da revista *Bohemia* (Havana, 03/12/1976) consagrado ao 20º aniversário do desembarque do Granma: 97 páginas e 17 mapas relatam com precisão o destino e o itinerário dos diferentes membros da expedição. Poucas informações novas quanto aos problemas estratégicos colocados pelo artigo acima, a não ser o fato de que o encalhe na Playa de los Colorados se explica pelo fato de que o Granma não possuía mais combustível.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 2, n. 35
Julho-Dezembro, 2022
ISSN: 2175-3709